

Os processos de formação e de subjetivação docente na EJA em atuação na extensão universitária na UFMG

Érica Paula Frade¹

Carmem Lucia Eiterez²

Resumo

Neste artigo irei me dedicar a escrever sobre o espaço específico de formação de professores e desenvolvimento de saberes docentes que se constitui no PROEF2 (Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos, 2º segmento) do qual faço parte como educadora da área de história. O projeto é parte das atividades de extensão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Buscarei relatar, as experiências pedagógicas vividas neste espaço, como docente em formação supervisionada em serviço, para isto julgo necessário fazer uma breve explanação do projeto e ainda a respeito do sujeito específico da EJA.

Palavras-chave: PROEF, Ensino de Jovens e adultos e Formação docente.

1. PROEF-2

O PROEF (Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos) é um projeto de extensão dentro do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG. O Programa é composto pelo projeto de ensino fundamental – 1º. segmento, PROEF1, o PROEF-2 e o Projeto de Ensino Médio de Jovens e adultos (PEMJA), coordenado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação (NEJA-FaE). O NEJA “visa articular as diversas iniciativas de formação de educadores de Jovens e Adultos na UFMG” e “Incentivar o desenvolvimento de projetos de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos” (www.fae.ufmg.br/neja).

O Proef – 2 é desenvolvido no espaço do Centro Pedagógico, a escola de Ensino Fundamental da Universidade. O Programa atende ao tripé acadêmico ensino, pesquisa e

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG/ Bolsista Proef – 2

² Professora Adjunta FAE/UFMG

extensão, por esta razão, dedica-se a formação de professores em EJA, e oferece a funcionários da universidade e a comunidade em geral, uma oportunidade de escolarização no ensino fundamental para Jovens e Adultos. Atende a um grupo de educandos que por motivos diversos abandonaram a escola no tempo regular, mas que agora retornam a sala de aula com objetivos múltiplos.

Este projeto conta com a coordenação de um coletivo de 06 professores que entre outras coisas, orientam os professores da EJA, alunos de licenciatura de diversos cursos da UFMG. Assim, estes alunos têm a oportunidade de iniciar sua atuação como professor em um espaço destinado a sua formação na docência com orientação de professores da Universidade.

Este programa surgiu no ano de 1986 e já passou por algumas reformulações desde então. Hoje, atende hoje em média 200 alunos por ano, divididos em 8 turmas. As turmas do PROEF2 vivenciam um tempo de permanência dos alunos no projeto de, em média, três anos, as turmas nomeadas: iniciantes, continuidade e concluintes. O Projeto funciona no período noturno em dois horários como forma de atender a demanda em relação à especificidade do aluno de EJA. Os horários são: das 17:50 às 21 horas, ou das 18:50 às 22 horas. Cada turma tem 3 aulas de 1 hora cada, por dia, ficando 10 minutos para o intervalo. São 2 aulas semanais de história, matemática, português, geografia e ciências, além de 1 aula semanal de língua estrangeira (espanhol ou inglês) e 01 de expressão corporal (cuja atividade é realizada um semestre com o professor-monitor de teatro e outro com o de educação física). Sendo assim, cada turma possui, em média, sete professores.

As aulas ocorrem de segunda a quinta. A sexta-feira é um dia de descanso para os educandos. Para os educadores é um dia dedicado à formação, participam de reuniões de área, reuniões de turma, RCPE (Reflexão crítica sobre a prática educativa), reuniões gerais, ou participam de palestras, seminários, entre outras coisas, contribuindo para a reflexão sobre a prática pedagógica deste professor-monitor.

O PROEF conta ao todo, portanto, com 26 bolsistas que desempenham a função de professores, mais 2 secretárias e 1 bolsista que atua na biblioteca. Os professores-monitores são bolsistas da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (PROEX), possuem um contrato de dedicação às atividades do Projeto de 20h semanais. Atuando no PROEF-2 em duas turmas, ministram um total de 4 aulas/horas semanais, restando a eles outras 16 horas que são dedicadas a sua formação, elaboração das aulas e desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares com os outros monitores da mesma

turma, escrita de cadernos de turma e/ou de textos acadêmicos, etc. Estes bolsistas também atuam como “*monitor referência*”, atividade pedagógica que é realizada em forma de rodízio a cada mês por um monitor da turma. Nesta função devem manter-se informados sobre a frequência do grupo, telefonando para alunos que estão faltando para saber o que está ocorrendo, além de se informar sobre algumas atividades que estão sendo desenvolvidas e auxiliar na organização de atividades interdisciplinares.

O PROEF2 é um espaço de ensino, portanto, no qual tanto os alunos quanto os professores-monitores passam por um intenso processo de formação e aprendizagem, sendo assim:

este Projeto tem empreendido esforços para reunir, produzir, analisar, divulgar materiais pedagógicos e resultados de investigação na Educação de Jovens e Adultos e na formação de profissionais que nela atuam, assumindo a responsabilidade da Universidade com a produção e a divulgação do conhecimento num campo como o da Educação de Jovens e Adultos que apresenta demandas tão dramáticas e tão urgentes num país como o nosso. (www.fae.ufmg.br/proef2)

2. O aluno da EJA no PROEF-2

O aluno da EJA é um sujeito que por motivos vários teve que abandonar o ensino “regular”. Sua história é marcada por um conjunto de entradas e saídas, “fracassos escolares” e por uma visão tradicional da escola segundo a qual o aluno “não sabe nada” e o professor “sabe tudo”. Assim, muitos deles retornam as escolas para “aprender com quem sabe (o professor) os conhecimentos necessários para ter um trabalho melhor (menos pesado, mais bem pago) e um lugar social mais valorizado.” (Carlos e Barreto: 1995, 31)

Muitos deles acreditam que o conhecimento é passado pelo professor e que as discussões e falas dos colegas não acrescentam nada para o seu “aprendizado”. Esses alunos, inicialmente, preferem aulas puramente expositivas, na qual eles prestam atenção, o professor fala e eles anotam do quadro aquilo que é “passado”.

É com esta visão tradicional que muitos alunos chegam ao PROEF. Porém, ao longo de sua permanência no projeto os alunos passam a perceber que aquele modelo de escola não se aplica aqui, ou seja, este é um espaço no qual os professores buscam construir com os alunos os conhecimentos a partir de suas experiências, memórias e vivências, já que os alunos de EJA possuem capacidade de reflexão e conhecimento prévio do mundo em que vivem.

Cito alguns depoimentos dos alunos em redações feitas por eles no primeiro semestre de 2007, com o seguinte tema: “*Cotidiano e a vida escolar*”. Estes depoimentos exemplificam a mudança de concepção quanto ao espaço escolar que sua vivência no PROEF vai lhes permitindo evidenciar.

aprendi que as matérias, os professores, a escola de agora não são como a de antigamente. As carteiras mudaram, a forma dos professores darem aulas se tornou mais carismática. Antes todos os professores tinham uma régua de madeira, puxavam as nossas orelhas, nos chamavam de burros, (diziam) que íamos crescer e puxar carroça. Quanto aquela musica de Nelson Gonçalves que diz: “Que saudade da professorinha”, o autor não sabia que os professores de hoje seriam mais atualizados, estão sempre impulsionando a auto estima do aluno colocando-o para viver o hoje.(Aluno turma 47)

A mudança na relação aluno-professor é descrita também a seguir:

Quando estava no primário era tudo decorado, a gente não podia falar nada, só a professora que estava certa. Hoje podemos assistir a uma aula com mais discussão e dar a nossa opinião. (Aluno turma 47)

Assim, os sentimentos com relação à escola vão mudando:

Fiquei com raiva da escola, não gostava de estudar, perguntar, se havia alguma duvida, nem brincar. Olhar para a professora só de rabo de olho. As aulas eram muito cansativas. Muita teoria, decoreba.

O aluno prossegue:

Agora eu sei o porquê das coisas. Aprendemos sobre o iluminismo, tirei as vendas dos olhos, sei como o Brasil foi descoberto, não aquele conto da carochinha do passado. Descobri o prazer de aprender. Trocar idéias, interagir com os monitores do PROEF2. Esta troca de conhecimento é muito rica, é um tesouro. A bagagem que eu trouxe da minha vida lá fora é muito valiosa, quando a gente troca com a teoria dos monitores do PROEF2.(Aluno da turma 47).

Podemos perceber que vários alunos percebem a diferença na concepção que tinham de escola, da escola em que eles estudaram há anos atrás, para a escola de hoje, preferindo e aprovando o modo de ensinar do projeto.

O conceito que eu tinha de escola anos atrás era de uma escola bem tradicional, que se não decorasse tudo, não tinha como fazer uma boa prova. Eu não tive uma oportunidade para estudar, abandonei muito cedo a escola (...) Agora que voltei a estudar gostei muito da escola de hoje. Hoje podemos ler um texto, discutir sobre ele, temos a total liberdade de gostar ou não gostar, anos atrás não tinha isso.(Aluna da 47)

Esses depoimentos talvez sejam resultado da nossa ação. Pois, procuramos fazer com que os alunos participem das aulas, nos contando suas experiências, debatendo entre si e trocando informações, o que faz com que eles se envolvam com as aulas e com os temas abordados. A construção de conhecimento sobre um determinado tema envolve o diálogo realizado entre a turma.

Assim, como podemos perceber nessa declaração, o aluno não é mais um sujeito “passivo” que recebe informação do mestre o tempo todo e que, na maioria das vezes, não absorve nada de sua fala. Buscamos neste projeto, convidar o aluno a atuar, como um agente do conhecimento que tem voz diante do professor e de seus colegas. Buscamos desenvolver a reflexão dos alunos a partir de aulas e a construção coletiva do conhecimento que visa desenvolver ou aprimorar certas habilidades cognitivas do aluno.

A respeito disso, posso citar como exemplo um trecho do Caderno de turma, forma de registro do trabalho do educador, que foi desenvolvido com as turmas no PROEF2, turmas 47 e 48, que são turmas concluintes:

Ao entrar em sala coloquei a palavra Revolução no quadro e pedi que os alunos me dissessem o que eles entendiam por revolução, qual a idéia que eles tinham. Grande parte dos alunos se manifestou e em geral, as idéias levantadas por eles foram: mudança, evolução, revolta, ação do povo, transformação, protesto, insatisfação, melhoria.

A partir das idéias levantadas pelos alunos perguntei a eles o que leva um povo, um grupo, a se revoltar. Os alunos não entenderam a pergunta, então perguntei novamente. “Se estiver tudo bom, se todos estiverem satisfeitos com a situação atual é possível haver uma revolução?” Os alunos então disseram que não. Então perguntei novamente em qual contexto pode ocorrer uma revolução, então J. R. e I. responderam que ela ocorre quando as pessoas estão insatisfeitas com algo. A partir de tal resposta comecei a refletir com eles sobre a Revolução Francesa. (Caderno de turma. Turma 48)

O diálogo e os debates são um aspecto fundamental na proposta de trabalho da EJA, priorizado na disciplina de história para o desenvolvimento de atividades e dos conceitos históricos. As aulas pretendem despertar o interesse do educando sobre determinado tema. Levando-os a refletir sobre sua inserção num dado tempo histórico, sobre a história que viveram e vivem.

Como é estabelecido pela Proposta Curricular Nacional de História da EJA, *O professor precisa levar em conta a especificidade dos alunos da EJA, seu perfil socioeconômico, cognitivo e afetivo.* Porém, o PCN busca enfatizar que

essa vivência maior, porém, pode revelar idéias mais arraigadas, ou seja, menor disponibilidade para questionar concepções, valores e informações já interiorizadas. Cabe ao professor de História, ciente dessa especificidade, promover um intenso diálogo com seus alunos, mostrando-se aberto para receber novas informações e reformular idéias,

quando disso for convencido, favorecendo a possibilidade de crescimento para todos os envolvidos no processo de educação escolar.(PCN 2º segmento/Historia. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA. www.mec.gov.br)

Deste modo, ao mesmo tempo em que buscamos partir do conhecimento dos alunos para a construção de conhecimentos, temos que tomar cuidado com algumas idéias arraigadas sobre determinados eventos que circulam pela mídia ou sociedade dominante, sem uma reflexão mais atenta e profunda. Assim, é função do professor, tentar desconstruir tais concepções a partir de reflexões feitas com os próprios alunos sobre o assunto abordado.

Em nossas aulas de historia, tratando do tema da Ditadura militar brasileira, aconteceu um caso emblemático. Uma aluna, de 65 anos, disse que preferia o governo da ditadura militar do que o governo de hoje.

iniciamos a aula analisando o contexto da ditadura militar (1964-68), esclarecendo o que levou a sua manifestação, quais foram seus atos e medidas. Alguns alunos manifestaram suas opiniões a respeito da ditadura, como o senhor J. que lembrou que nessa época a censura era algo muito opressor. Dona J. por sua vez disse que na ditadura pelo menos não havia tanta “roubalheira” quanto a existente hoje e que a violência era menor. Diante de tal comentário, muitas foram as manifestações contrarias a opinião de dona J. (Dia 28/02/2007.1º aula de historia Caderno de turma. Turma 48)

Após a fala dessa aluna, tentamos ao longo das aulas, promover discussões e atividades que fizessem os alunos refletirem e perceberem problemas referentes a ditadura como a ausência de liberdade de expressão (a censura de textos, músicas e filmes) que não permitiam que criticas fossem feitas ao governo e suas medidas. Eram, por sua vez, promovidas propagandas que defendiam e justificavam os atos dos militares. Porém, embora tivéssemos feito um esforço para que a aluna percebesse que a ditadura era sim, muito violenta e opressiva, e que a corrupção existia sim nesse período, percebemos que sua concepção prévia sobre o tema continuou arraigado em sua mente, mesmo depois de dois meses de discussão.

JR e J começaram a ter uma discussão entre si, já que ela defendia a idéia de que embora os militares tenham feito repressão, tortura e censura (o que ela dizia ser amplamente contra) no seu governo não havia tanta corrupção, “roubalheira”, e “pouca vergonha de políticos” disse ela. JR, por sua vez, discordava da opinião de J., alegando que, como foi visto em sala de aula, naquele período havia sim corrupção e roubalheira mas isso não ganhava a notoriedade de hoje, já que no período não havia liberdade para se fazer criticas ao governo, alem de haver censura.

O relato desta aula prossegue nos seguintes termos:

Apoiei J. R. lembrando (...) que muitos dos políticos contrários à ditadura foram cassados e estavam exilados o que dificultava um conhecimento por parte da sociedade de atos ilícitos da Ditadura. Lembrei a J que se hoje em dia nos temos tanto conhecimento de corrupções não necessariamente é porque hoje os políticos são corruptos e no período militar isso não ocorria, mas sim porque hoje temos liberdade de imprensa e esta pode fazer críticas abertamente. Assim acabamos tendo a sensação de que a violência, corrupção entre outros problemas públicos, hoje é maior já que eles são amplamente divulgados. (Dia 04/05/07 Caderno de turma. Turma 48)

Vemos que a mudança de posição em alguns casos é demorada ou mesmo nem chega a acontecer, mas não nos furtamos ao debate. Contudo, a partir de situações como as narradas anteriormente, afirmamos que o PROEF é um projeto de educação de jovens e adultos que considera as necessidades e possibilidades diferenciadas destes alunos. Procurando centrar-se nesses sujeitos, considerando seus conhecimentos prévios sobre os assuntos abordados e suas experiências de vida no processo de construção do conhecimento e no desenvolvimento de um pensamento crítico. Valorizamos a sabedoria dos alunos e buscamos estabelecer relações entre a realidade deles e o conteúdo do tema abordado, o que possibilita um processo de aprendizagem de novos conteúdos, já que o aluno é considerado e percebido como um agente histórico, como um agente detentor de conhecimento, e é ouvido por todo o grupo.

3. A Formação de Professores no PROEF-2

O trabalho desenvolvido nesse projeto é interdisciplinar e temático, priorizando temas que são considerados relevantes para a formação humana desse sujeito específico da EJA. A proposta pedagógica do projeto busca, portanto, como tentamos mostrar nas discussões feitas acima,

pautar-se em princípios segundo os quais o conhecimento da realidade dos alunos e do seu percurso cognitivo são condições essenciais para o processo educativo. Além disso, o trabalho educativo deveria ser assumido como uma construção coletiva que supõe, portanto, o envolvimento responsável de educadores e educandos e a integração entre as diferentes áreas do conhecimento. (www.fae.ufmg.br/proef2)

Deste modo, para que o educador reconheça o seu aluno como sujeito de conhecimento (realizando a construção coletiva do conhecimento) e para que ele atue

conjuntamente com outras áreas, de forma interdisciplinar, é necessário que haja espaços de formação que conscientize o professor-monitor quanto à importância da função por ele desenvolvida e que permita que ele realize uma reflexão e aprimoramento de sua prática pedagógica.

O PROEF 2, configura-se, portanto como um *lócus* de formação que agrega alunos de diversos cursos de licenciatura da UFMG para na prática, avançarem no seu processo de desenvolvimento profissional como professores. Assim, tal experiência docente é acompanhada e sofre alterações a partir das reflexões em reuniões realizadas as sextas-feiras na Faculdade de Educação da UFMG.

As reuniões de área, com duração de duas horas semanais, são realizadas pelos professores-monitores de uma mesma disciplina juntamente com o Coordenador dessa área que busca pensar com os seus orientandos, em relação a sua prática docente, conteúdos possíveis de serem discutidos e desenvolvidos nas aulas de acordo com a temática de cada turma.

Nesta reunião ouvimos os relatos de cada professor-monitor a respeito do andamento de suas aulas, dos problemas e dificuldades apresentados, assim como o sucesso de práticas e atividades em sala. Deste modo, a reunião permite um compartilhamento de experiências e de métodos para a abordagem do conteúdo de cada área, analisados pelo grupo e orientado pelo coordenador, que nos ajuda a refletir a respeito do caminho escolhido.

As *reuniões de turma* (que também ocorrem semanalmente e possuem duas horas de duração) buscam reunir todos os monitores que atuam na mesma turma, para que esses possam discutir assuntos referentes aos trabalhos desenvolvidos a participação dos alunos, bem como programar aulas conjuntas, buscando um trabalho interdisciplinar no que se refere à temática escolhida. Assim esse é um espaço no qual, sob a coordenação de um professor da UFMG, os monitores podem discutir o desenvolvimento da turma, as dificuldades e avanços dos alunos, estratégias para se trabalhar interdisciplinarmente, entre outras coisas que possibilitam uma maior relação e trabalho conjunto dos monitores que atuam nas mesmas turmas. Portanto, tal reunião tem como objetivo ouvir o que vem sendo desenvolvido por cada um e socializar o desenvolvimento dos alunos em cada disciplina. São nessas reuniões também que são debatemos e escolhemos temas para serem trabalhados com as turmas.

Além dessas reuniões semanais, há um encontro quinzenal, nomeado como RCPE (reflexão crítica sobre a prática educativa) que promove discussões e reflexões coletivas, de todos os educadores, sobre a prática docente vivida por nos educadores no PROEF2. Nessas reuniões são reunidos todos os professores-monitores do PROEF2, que são em média 26, juntamente com os coordenadores de área e de turma para que se possa fazer reflexão e discussão sobre as práticas desenvolvidas nas turmas, sobre a formação dos educadores e sobre as propostas curriculares do projeto.

Buscamos refletir atualmente sobre a proposta curricular do projeto, uma vez que este modelo interdisciplinar temático foi implementado neste ano de 2007, dessa forma estamos pensando sobre as concepções que cada área tem de si mesma. As propostas dessas áreas para o aprendizado do educando do PROEF2, as dificuldades encontradas por estas e propostas que cada área tem para a formação docente, para que a partir daí possamos pensar nossos objetivos de ensino na ação interdisciplinar.

Outro espaço de formação são os seminários de pesquisa do NEJA, “EJA no Horizonte” e ocorrem todas as primeiras sextas-feiras do mês, das 19 as 21:30 minutos em um dos auditórios da FAE. Tal encontro tem como objetivo divulgar e promover a discussão de pesquisas atuais no campo da EJA.

Assim, neste espaço de formação, os monitores-professores que estão vivenciando na prática a realidade da Educação de Jovens e Adultos, entram em contato com pesquisas (teoria) que refletem sobre diversas questões referentes a essa realidade, como por exemplo, os desafios, o sujeito específico da EJA, programas de inclusão desse sujeito, discussões sobre outras experiências, entre outros assuntos. Isso nos ajuda a refletir e a tomar conhecimento de resultados de estudos que estão sendo feitos na área e podemos questionar, nos posicionar e interagir com tais pesquisadores a partir da experiência e prática que estamos vivenciando.

Outro espaço de formação são as reuniões gerais que ocorrem mensalmente, geralmente na terceira sexta feira do mês, e que reúne professores, coordenadores e representantes de cada turma. Em tais reuniões, que tem mais caráter administrativo que pedagógico, embora também ocorram relatos a respeito dos trabalhos que vem sendo desenvolvido em cada turma pelos monitores destas. Tais reuniões são espaços para reclamações e sugestões por parte dos alunos, professores e coordenadores referentes ao projeto, a estrutura física do prédio onde as aulas acontecem e quanto a questões materiais para o andamento das aulas.

É interessante notar que nessas reuniões temos um retorno dos andamentos das aulas, através da figura do representante de turma, que traz elogios ou reclamações referentes aos professores ou à condução das aulas. Assim, a partir de tal retorno podemos rever nossa postura em sala de aula, objetivando a realização de um trabalho cada vez melhor.

Portanto, a estrutura organizacional do PROEF-2 tem como um de seus fundamentos a formação do docente, centrada na ação-reflexão-ação, ou seja, numa constante reflexão sobre sua prática. Isso sem dúvida alguma tem grande importância para todos os monitores-professores que estão no projeto ou que passaram por aqui, pois, apesar de todos serem necessariamente licenciandos, é no PROEF que temos a oportunidade de aprender e discutir na prática assuntos referentes a docência.

Assim, embora minha experiência específica como docente se inicie em 2004, quando passo a atuar como voluntária do programa Telecurso 2000 em minha comunidade, é no ano de 2007 quando passo a fazer parte do PROEF-2 que minhas concepções de ensino-aprendizagem e visão a respeito do que é aula são construídas e aprimoradas. São nos espaços de formação oferecidos pelo PROEF que poderei refletir sobre a prática docente, conhecer o sujeito aluno, seus anseios, suas expectativas, considerando assim o conhecimento formal ou não-formal que o jovem e adulto possui para a construção de conhecimento nas aulas.

Durante os anos de 2004 e 2005, no programa do Telecurso, que é uma espécie de suplência no qual os alunos buscavam *aprender os conteúdos disciplinares* e no final do ano faziam provas referentes a cada disciplina para assim poderem obter seus diplomas de ensino fundamental ou médio.

Nesse período, embora tivesse muito boa vontade em “ensinar história” aos alunos, reconheço que a única preocupação que tinha era em cumprir o conteúdo, sem me importar muito com que os alunos sabiam e se de fato eles *compreendiam e aprendiam* o que eu ensinava. Minhas aulas eram plenamente expositivas e nada reflexivas. Eu ainda não possuía embasamento ou conhecimento teórico sobre a prática docente e não havia nenhum acompanhamento por parte da coordenação do programa nem encontros entre os professores que atuavam nas turmas. Não havia também, de minha parte, um estabelecimento de relações do conteúdo com o cotidiano dos educandos e nem uma consideração prévia do conhecimento deles para que juntos pudessemos construir e elaborar conhecimentos. É quando passo a fazer parte do PROEF que fica latente para

mim a diferença do ensino na EJA e os cursos de suplência, com o telecurso. O que pude confirmar mais tarde com a leitura do trecho a seguir:

Enquanto a EJA, quando identificada como “ensino de suplência”, tem-se caracterizado ainda por uma perspectiva compensatória – o aluno deve “recuperar o tempo perdido” -, o PROEF-II buscava privilegiar a dimensão da inclusão sócio-cultural e da construção da identidade de sujeito de alunos e professores. (Diniz-Pereira e Fonseca: 2001, 62)

A reflexão sobre a prática docente e sobre o público específico que são os jovens e adultos só começa a ser feita por mim, a partir do meu ingresso no PROEF, no início do ano de 2007, quando minhas concepções de ensino e visão a respeito do que é aula passam a ser construídas e a cada dia aprimoradas. De mesmo modo como afirmam os autores a seguir:

Uma vez integrante do PROEF II, o monitor-professor, que tinha o trabalho com jovens e adultos como um aspecto circunstancial, próprio de um ensino que se processa no turno da noite, começa a conceber a EJA como um campo diferenciado no âmbito educacional, com características, demandas e possibilidades próprias. De maneira especial, é ali que a EJA se descortina como um espaço próprio de atuação profissional, no qual as dimensões de desafio e do prazer se lhes revelam ainda mais acentuadas “pelo perfil dos alunos” e são apontados como razão de sua identificação com essa modalidade de ensino e com o público dos cursos noturnos. (DINIZ-PEREIRA e FONSECA:2001, 59)

A oportunidade de ter contato com os alunos, de ministrar aulas sob coordenação de um professor da UFMG foi e é de grande importância para minha formação. Busco em minhas aulas envolver os alunos, estimulá-los a trabalharem em grupo, a opinarem sobre determinados assuntos, a discutirem entre si, a argumentarem, a desconstruírem pré-conceitos, a interpretarem o que se lê, entre outras coisas, visando assim desenvolver certas habilidades que julgamos, no PROEF, serem importantes não só para a disciplina da história como para suas vidas em geral. Utilizo para isso além de textos didáticos selecionados por mim, recursos como apresentações em power point, músicas, filmes, fontes primárias, imagens, pesquisa feita pelos próprios alunos na internet no laboratório de informática do Centro pedagógico, sobre minha orientação, entre outros.

O contato, professor-aluno, oferecido pelo PROEF é sem dúvida alguma, uma das experiências que mais tem marcado minha formação neste espaço. Poder perceber o aluno como um sujeito, pensar em aulas que dialoguem com estes alunos e que considerem seus conhecimentos é sem dúvida umas das reflexões com a qual me deparei e que hoje esta na base de meu pensamento como docente.

Estar o tempo todo em contato com a teoria e com a prática, realizando reflexões a respeito do que venho desenvolvendo nas aulas proporciona um salto de qualidade na minha formação, na qual passo a conhecer possibilidades diferentes. Ter a oportunidade de experienciar a teoria que aprendo nas aulas de pratica de ensino e matérias da Faculdade de Educação (FAE) e a pratica que executo no Projeto, com o auxilio da coordenação, é algo sem precedentes para minha formação e de todos os outros monitores que passam ou passaram pelo Proef..

A partir das discussões feitas nos espaços do projeto pude modificar minha concepção de ensino-aprendizagem, que passa agora a ser percebida como uma via de mão dupla, que contempla a troca de experiência, informações e conhecimento entre professor e aluno, que no caso dos alunos de EJA tem muito a contribuir para a construção coletiva do conhecimento.

Bibliografia

Caderno de turma de história, 2007. Turmas 47 e 48. Professora Érica Paula Frade. PROEF 2.

CARLOS, José e BARRETO, Vera. Um sonho que não serve ao sonhador. Revista da Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil. São Paulo: RAAAB. Ano 2, maio de 1995, pp. 31-37,

DINIZ, Julio Emilio e FONSECA, Maria da Conceição. Identidade docente e Formação de Educadores de Jovens e Adultos. In:Educação e Realidade (periódico 26(2) jul/dez), 2001, pp 51-73, 2001

PCN 2º segmento/Historia. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA. www.mec.gov.br. Acessado em 23/09/2007

PROEF-2 Apresentação e objetivos: www.fae.ufmg.br/proef2. Acesso realizado em 12/09/2007

NEJA, Breve histórico e objetivos: www.fae.ufmg.br/neja. Acesso realizado em 12/09/2007